



LEISHMANIOSE CANINA

HENRICH, Andressa¹; PALUDO, Angelica²; ORTIZ, Arilson², HENRICH, Katyaline²; DALLABRIDA, Suéllen², WOLKMER, Patricia³

Palavras-Chave: Canino. Diagnóstico. Epidemiologia. Tratamento.

Introdução

A leishmaniose é caracterizada por ser uma doença de curso clínico crônico e grave em caninos e que coexiste com humanos. De ponto de vista epidemiológico, a doença em caninos é considerada mais importante que em humanos, devido os cães se tornarem melhor fonte de infecção para o inseto vetor *Lutzomyia longipalpis*, (MARZOCHI,1985), infecção esta que são causadas pelo protozoário intracelular *Leishmania infantum* (syn. *L.chagasi*) (XAVIER,2006)

Alguns cães podem conter o parasita e não demonstrar nenhum sinal clínico, o que são caracterizados por assintomáticos, no qual o parasita fica latente no animal até que algum estimulante desencadeia o parasita para se multiplicar e causar a leishmaniose visceral ou cutânea, porém, mesmo sendo assintomático o animal é capaz de transmitir a doença. Em cães sintomáticos, a doença começa a apresentar seus sinais clínicos em cerca de 2 a 4 meses após a infecção (CDC, 2010).

O objetivo deste trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre leishmaniose canina, e esclarecimentos epidemiológicos da zoonose.

Metodologia

O presente trabalho foi realizado através de revisão bibliográfica, para fins de uma pesquisa, sobre esclarecimentos epidemiológicos da leishmaniose, como está sendo avaliados os casos de leishmania, como é feito a prevenção, diagnóstico e tratamento da mesma. E como está sendo aceito o tratamento em cães com resultado positivo para leishmaniose.

¹ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ . E-mail: andressa-henrich@hotmail.com

² Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ. E-mail: Angelicapaludo@hotmail.com; arilson_ortiz@hotmail.com; katty.henrich@live.com; suellen-dallabrida@hotmail.com

³ Docente do curso de Medicina Veterinária, UNICRUZ. E-mail: patiwol@hotmail.com.



Resultados e Discussões

A leishmaniose é caracterizada por ser cutânea e visceral, clinicamente é de evolução lenta, levando a acentuado emagrecimento, perda de pelos e apatia, observado também infarto ganglionar, ulcerações de pele e mucosa (MARZOCHI, 1985). Em caninos, a leishmaniose pode causar imunossupressão, levando a outras enfermidades oportunistas, como cistites, piodermites, pneumonias bacterianas, entre outras (FOGANHOLI,2011).

A infecção ocorre em duas fases, uma quando o vetor é infectado ao sugar sangue de mamíferos, ingerindo macrófagos parasitados de leishmania na forma de amastigota, ocorrendo dentro do trato digestivo a reprodução e diferenciando em forma flagelada (promastigota) sendo assim a forma infectante. E outra quando o mesmo mosquito infectado pica outro animal, transmitindo a doença para outros animais (FOGANHOLI,2011).

O diagnóstico de leishmaniose pode ser por meio do exame clínico, além de exame sorológico (ELISA). A citologia tem sido usada como método de diagnóstico de doenças; na hematologia de anemias e leucemias.(ANDRADE, 2009).

A punção aspirativa oferece maior demonstração do parasito para diagnostico da leishmaniose, usando então como materiais órgãos como, medula óssea, biopsia hepática e linfonodo ganglionar. (FOGANHOLI,2011)

Atualmente é utilizado mais prevenção do que tratamento, como medidas profiláticas podem ser usadas coleiras que protegem os cães de picadas dos mosquitos, Deltametrina que usa-se nas camas dos animais que ajuda a protege-lo e também aos humanos que convivem com o animal.

O Brasil desenvolveu a primeira vacina contra a leishmaniose visceral canina, que requer três doses a cada 21 dias de intervalo entre as mesmas e tendo a cada 1 ano revacinação. O animal somente fica imune no final da terceira vacina.

Pode-se ressaltar que as drogas para tratamento demonstram uso limitado por apresentar alta toxicidade e grande resistência. (MARTINS,2013). Segundo Ferrer, por ser um tratamento muitas vezes caro, e por não haver certeza de cura, é optado pelo sacrifício do animal.

Em 2016 foi aprovado o uso do medicamento milteforan, representando maior segurança para os donos dos cães já que é uma opção além de sacrificar os animais positivos para leishmaniose visceral.(BARRETO,2016).



O estado do Rio Grande do Sul era considerado livre de leishmaniose canina até o ano de 2008, quando foi notificado um caso suspeito na região de fronteira com a Argentina. (ROCHA,2012). Relata-se ainda que a maioria dos casos são autóctones, ou seja, que a doença vem sendo desenvolvida no estado, e que no ano de 2011 apresentou-se maior número de casos (6), e em 2014 regrediu para 3.(SOUZA 2014)

Considerações Finais

Levando em conta que a leishmaniose é considerada uma zoonose, toda a população deve ser salientada dos riscos de ter um animal portador da enfermidade. Sendo assim, devem tomar todos cuidados e atitudes certas com o seu animal, sendo que muitas vezes o mesmo pode ser portador e não apresentar sintomatologia.

Referências

ANDRADE, A.L. Citologia de impressão da superfície ocular de cães infectados naturalmente por leishmania (l.) chagasi. Archives of Veterinary Science, v.14, n.1, p.9-16, 2009.

BARRETO, A.V.P Revista Clínica Veterinária n. 125, novembro-dezembro, 2016, Ano XXI

CENTRO PARA CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS (CDC). Perguntas frequentes sobre leishmaniose em caninos. Saude global –divisão de doenças parasitárias e malárias,2010.

FOGANHOLI, J.N. Importância da leishmaniose na saúde pública. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária Ano IX – Número 17 – Julho de 2011.

MARTINS, G.D.S. Leishmaniose: do diagnostico ao tratamento. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.9, N.16; p. 2013 2566.

MARZOCHI, M.C.A. Leishmaniose visceral canina no Rio de Janeiro — Brasil, Caderno de saúde pública vol.1 no.4 Rio de Janeiro Dec. 1985

MATTOS,Jr.D.G. Aspectos clínicos e de laboratório de cães soropositivos para leishmaniose. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, Niteroi-RJ,v. 56, n.1, p.119-122,2004



POCAI, A.E. Leishmaniose viscerar (calazar). Cinco casos em cães de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Ciência Rural, Santa Maria, v.28, n.3, p.501-505, 1998.

ROCHA, A.G. , Leishmaniose visceral canina no Rio Grande do Sul revisão bibliográfica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SAITO, A.S leishmaniose em cães: revisão de literatura. Revista científica eletrônica de medicina veterinária no VI – Número 10 – janeiro de 2008.

SONODA, M.C. Estudo retrospectivo de casos caninos de leishmaniose atendidos na cidade de São Paulo, Brasil (1997-2007). Revista no Redalyc, v.34, n.2, p741,2007.

SOUZA, A.P. L. Estudo retrospectivo da epidemiologia da leishmaniose visceral no Rio Grande do Sul: revisão de literatura. Portal de revistas em veterinária e zootecnia. v.11, n.2, jan./jun. 201

XAVIER, S.C Leishmaniose visceral canina: um caso inusitado de um animal assintomático proveniente de Belo Horizonte, Minas Gerais. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, Belo Horizonte, 2006, Vol. 58, n 6,.